



FOTO-CINE

Boletim

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

ANO V — N.º 54

OUTUBRO — 1950



"IN VITRO"

Admar Cervelini - F. C. B.
Piracicaba - Brasil

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

tudo que precisar em

CINE-FOTO

- ☆ Máquinas fotograficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonóros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Fimoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

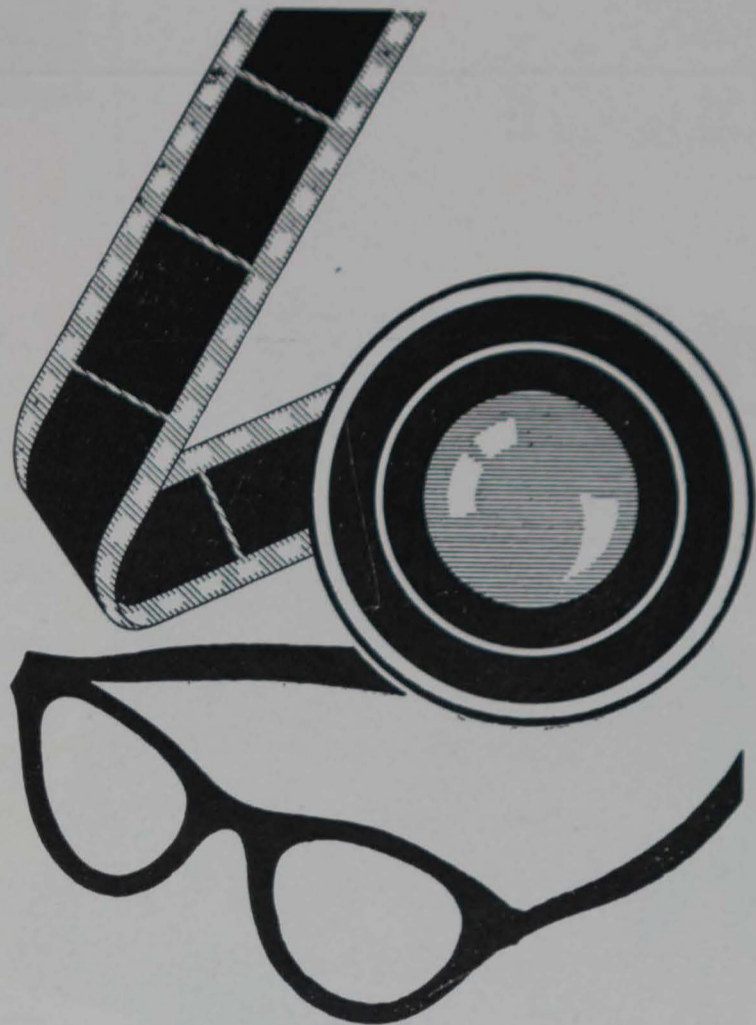
Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141

Uma loja completa no centro da cidade

**foto cine
ofica**



FOTOPTICA

CONHEÇA A NOSSA FILMOTÉCA DE ALUGUEL RECENTEMENTE INAUGURADA.

**R. S. Bento, 359
Tel. 2-4900**

NÃO TEMOS FILIAIS

Cine★
FORNECEDORA

apresenta

EM 16^M/_M

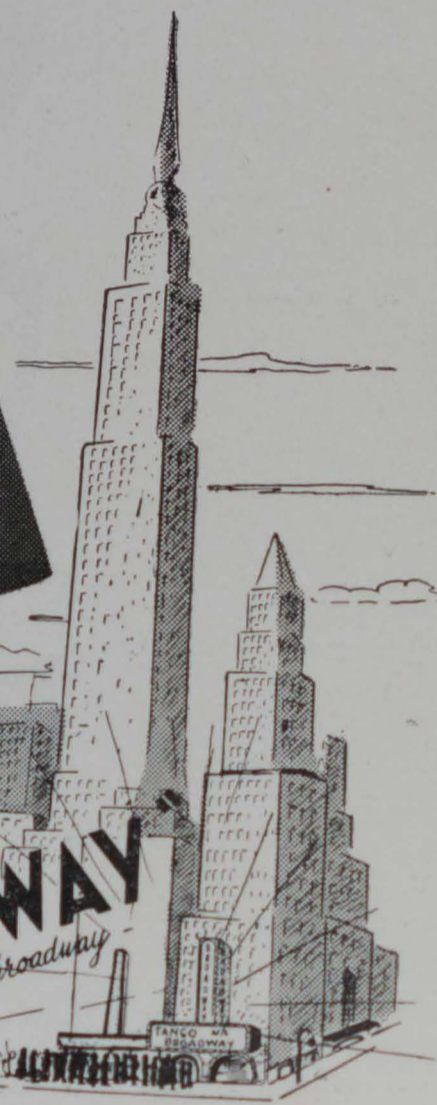


CARLOS GARDEL
BLANCA VISCHER

"TANGO NA

BROADWAY

- El Tango en Broadway -



e mais

PARA ALUGUEL
E VENDA

- ☆ CANTA ENQUANTO POSSAS
- ☆ CHUVA DE ESTRELAS
- ☆ NOIVAS DE TIO SAM
- ☆ AMOR DE PALHAÇO
- ☆ COSTA ABAIXO
- ☆ TANGO BAR

Cine★
FORNECEDORA

TUDO 5º AND. DO Ed. CINEAC TRIANON
Av. RIO BRANCO, 181, TELs. 42-5111 • 52-0828 • RIO

TUDO PARA CINEMA



© M. Veilício

—x—

Diretor Responsável :
Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação :
Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial :
N. Kojranski

—x—

Redação e Administração :
Rua São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

•
Laboratório e Atêlier para
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•
Sala de leitura e biblioteca
especializada.

•
Excursões e concursos mensais
entre os sócios.

•
Participação nos salões e concursos
nacionais e estrangeiros.

•
Intercâmbio constante com as
sociedades congêneres de todo
o mundo.

DEPARTAMENTOS :

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina.

•
Joia de admissão Cr.\$ 50,00
Mensalidade 20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano 200,00
Taxa extra mensal 10,00

•
Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

Séde Social :

Rua Avanhandava, 316
S. PAULO — BRASIL
Fone : 2-0937

SUMÁRIO

A NOTA DO MÊS	5
COMPOSIÇÃO (V)	6
ALDO A. DE SOUZA LIMA	
FILTROS	11
CLAUDIO PUGLIESI	
EXATIDÃO NAS AMPLIAÇÕES	14
LÉO LEONI	
OS BRASILEIROS NO IX SALÃO INTERNACIONAL DE SÃO PAULO	20
JOSÉ OITICICA F.º	
1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AMADOR	24
CONVERSANDO COM O CINE-AMADOR.....	26
ANTONIO DA SILVA VICTOR	

—◆—

ATIVIDADES FOTOGRAFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS — SALÕES — VÁRIAS.

—◆—

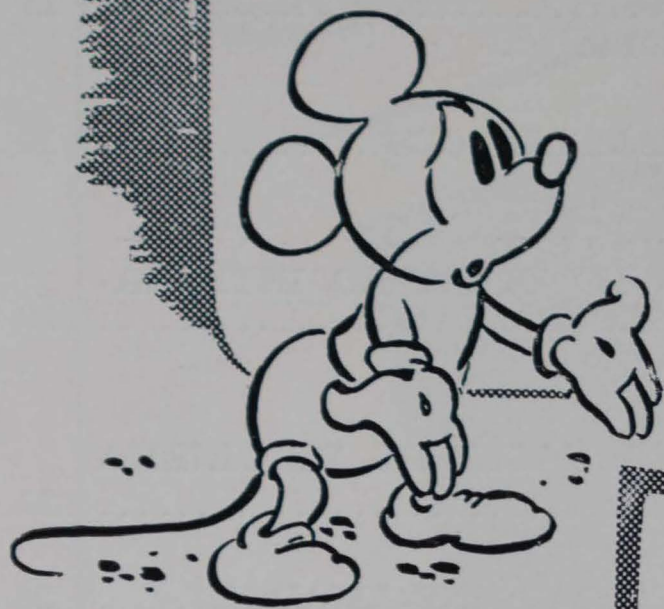
Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DO
F. C. BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.

CINEMA *na* **LAR**



**COM A PERFEIÇÃO DE
UM GRANDE TEATRO
com o novo**

16 mm Natco
MOD. 3030
(com velocidade
livre de ruído)

Do drama à comédia, do desenho animado ao tapete mágico - tudo você pode ter em casa, em sua própria tela, graças ao moderníssimo projetor NATCO - fácil de manejar e fácil de adquirir pelo seu preço acessível. Nitidez absoluta, comparável à dos melhores cinemas. Peça uma completa demonstração.

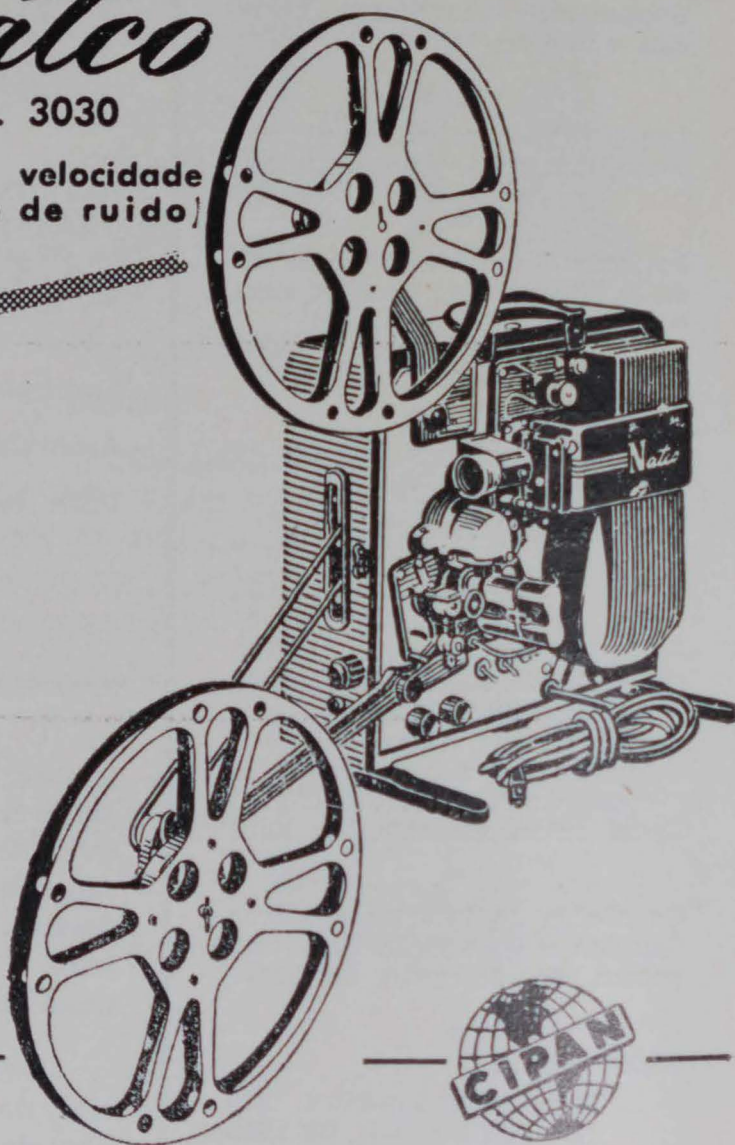
**PROJEÇÃO SONORA
ENCONTRADO EM TODAS AS BOAS
CASAS DO RAMO**

Distribuidores exclusivos:

Cipan

SÃO PAULO: Rua D. José de Barros, 238 - Telefone, 6-6913

RIO: Avenida Presidente Wilson, 113-A (Edifício Brasília)



A Nota do Mês

O Foto-Cine Clube Bandeirante é, positivamente, um tonél de paradoxos.

Iludido pelo simpático e quasi esportivo rótulo de Foto-Cine Clube Bandeirante, ingressa o incauto para o quadro social, na certeza de ter conquistado para as suas horas de lazer, um ambiente de repouso e serenidade adornado de suaves e floridos "bate-papos" sôbre fotografias, sem falar no clássico cafezinho.

Não tarda muito e a ilusão vai se transformando numa realidade bem diversa, quasi que sem o interessado se aperceber dessa transmutação.

Vem, de início, o aparentemente inofensivo Concurso Interno. O novo sócio inscreve, timidamente, os seus trabalhos impecavelmente montados em alva cartolina e, sem dar demonstração, aguarda com ansiedade o dia do julgamento.

Si as suas "obras de Arte" caíram no agrado da comissão julgadora, está caracterizado o caso do estímulo e, com ele, o compromisso. Sim, o compromisso de participação nos concursos seguintes, com renovação e aprimoramento.

Mas caso o "artista" não tenha sido "compreendido" pelos exigentes, acadêmicos e bolorentos membros da comissão julgadora, define-se nitidamente o segundo caso - o do desafio - e com ele... o compromisso para novas tentativas. E como a comissão, via de régra, é cabeçuda e numéricamente mais poderosa do que o artista isolado, este só tem um caminho a seguir para a fórra: trabalhar e produzir coisas melhores.

Mal refeito da tremenda batalha dos concursos, vê-se o novato imolado na fogueira do Seminário onde não se lhe perdoam, siquer, erros de terceiros - dos fabricantes de objetivas, por exemplo...

Nessa altura não se recorda mais dos verdadeiros motivos que o seduziram a entrar para o F.C.B. Nem pode perder tempo com devaneios ou retrospectões, uma vez que o Salão, o famigerado Salão de São Paulo está às portas e a coisa não é para brincadeira. Trata-se do exame vestibular para a carreira de artista-fotógrafo e não há tempo a perder. Aceitos os seus trabalhos, então começará uma nova fase... de estudo e trabalho!

Concomitantemente, virão os Salões estrangeiros, os Portfólios, etc., e, si a vítima conseguir se ajustar perfeitamente à esse regime sem grandes alterações em sua paz doméstica, então poderá afirmar que já é um "bandeirante". Ou melhor, poderia afirmar...

Não nos esqueçamos que vem aí o CURSO DE FOTOGRAFIA, com um programa que faria inveja aos mais impenitentes reformadores dos nossos cursos secundário e superior.

Infortunadamente, a Diretoria do F.C.B. descobriu que os associados ainda dispõem de três horas de sono por noite.

Em resumo: segundo alguns, ser sócio do Bandeirante é o mais autêntico dos "abacaxis". Pergunta-se então: Porque, apesar de tudo isso, gostamos cada vez mais desse nosso clube a ponto de nos tornarmos quasi fanáticos?

Qual... o F.C.B. é, positivamente, um tonél de paradoxos.



Composição - (continuação)

Aldo A. de Souza Lima - F. C. B.

V

3) Fundamentos

c) Contraste —

Em nosso estudo parcelado chegamos, finalmente, ao último dos conceitos fundamentais. O último e, possivelmente, o menos conhecido. Assim realmente deveria ser, pois sua influência só indiretamente se manifesta no concerto final da composição.

Nos estudos antigos encontramos este fundamento sob o nome de Oposição. Julgamos, todavia, que tal denominação poderia acarretar um certo conflito com a idéia, já esplanada, de harmonia ainda que, em realidade, nada tenham em comum. Além disto a própria definição nos leva a preferir a denominação de Contraste pois, segundo ela este fundamento consiste na “necessidade da existência de variedade e contraste, de linhas, formas e valores, entre os vários elementos da composição.

Tal definição, ainda que sobejamente disseminada, nos deixa uma idéia bastante vaga e imprecisa sobre as razões lógicas de tal necessidade. Os estudos atuais, no entanto, aclaram tais dúvidas pela inclusão do conceito de movimento. Tais contrastes são necessários para gerar a força que obriga o deslocamento da vista do observador motivando uma agradável sensação dinâmica de vitalidade.

Mecanicamente sabemos que o movimento para ser gerado exige a aplicação de uma força. Ora, as formas, linhas e valores de uma composição possuem atrações diversas em relação a vista do observador. Se tais atrações são iguais estas forças encontram-se equilibradas com uma resultante nula. Se, no entanto, as várias atrações se apresentam variadas e diferentes, a resultante entre elas será efetiva, obrigando o deslocamento da vista e a consequente de movimento.

Inversamente concluímos que se as linhas, formas e valores se apresentam variadas e contrastadas entre si, teremos atrações também variadas e diferentes com relação a nossa vista. Tais atrações produzirão uma resultante que nos dará a desejada idéia de movimento.

Será conveniente acentuar que tratamos aqui da resultante das forças atrativas de elementos parciais considerados isoladamente. Esta deverá ser efetiva ao passo que a resultante final de todas as atrações deverá ser, como vimos no equilíbrio, considerada em função dos pesos das massas tonais e portanto nula.

Compreendemos agora a influência indireta exercida pelos elementos deste fundamento. Notamos mais a com-

pleta independência entre este conceito e a noção de harmonia. Trata-se de uma oposição formal e não de conteúdo. Além disto várias noções anteriormente citadas encontram aqui sua razão de ser. O motivo pelo qual o centro do quadro é considerado como ponto fraco se abalisa precisamente neste fundamento. O centro do quadro sofre idênticas ações dos espaços vizinhos e, a não ser em casos especiais, os elementos nele colocados não conseguem obter o necessário dinamismo (Fig. 25). Também a locação dos pontos fortes, estudados na Dominância, tem aqui sua razão lógica. O ponto encontrado na interseção da diagonal com a perpendicular dela traçada passando pelo vertice (Fig. 26), sofre ações completamente diferentes por todos os seus lados. Conseqüentemente é um local onde teremos o máximo efeito dinâmico.

Pelas mesmas razões supra devemos fugir a qualquer linha divisória do quadro passado por suas medianas. É o caso do horizonte, na paisagem, que divide o quadro ao meio. As influências iguais exercidas pelas massas, superior e inferior, empobrecem todo o conjunto. As Figs. (27, 28) e (29, 30) demonstram, claramente, este caso.

Uma digressão de suma importância se impõe neste ponto. Prende-se aos casos de visão do quadro ou de qualquer outro elemento. Sempre que se apresentam fala-se, incontinentemente,

em Divisão Aurea, Meia Proporcional, Divisão Harmônica, Meia Razão e quejandos nomes para a mesma coisa. Poucos são, no entanto, os que conhecem o verdadeiro significado de todos estes nomes. Sabem todavia que a natureza usou tal divisão na construção do corpo Humano, que os gregos usaram-na em suas obras maravilhosas, etc.

Procurando aclarar, por espírito de acuidade esta questão procuremos a explicação matemática deste conceito.

Diz-se que um ponto C divide reta AB (Fig. 31) em meia e extrema razão quando os segmentos AC e CB satisfazem a seguinte expressão:

$$\frac{AB}{AC} = \frac{AC}{CB} \text{ ou seja } \frac{AC^2}{AB \times CB} = 1$$

Pelo teorema da secante e tangente tomadas de um mesmo ponto fora de um círculo e conseqüente desenvolvimento do triângulo retângulo formado, podemos calcular o valor do coeficiente que multiplicado pelo comprimento de uma reta qualquer nos dará a grandeza do segmento que a divide aureamente. Deixo de fazer a demonstração deste cálculo por considerá-lo fóra do propósito de nosso estudo bastando, para tanto, informar que aquele coeficiente é igual a 0,618.

Para determinar, portanto, o ponto que divide um segmento qualquer em meia e extrema razão basta multiplicá-lo por 0,618. Vemos assim que tal

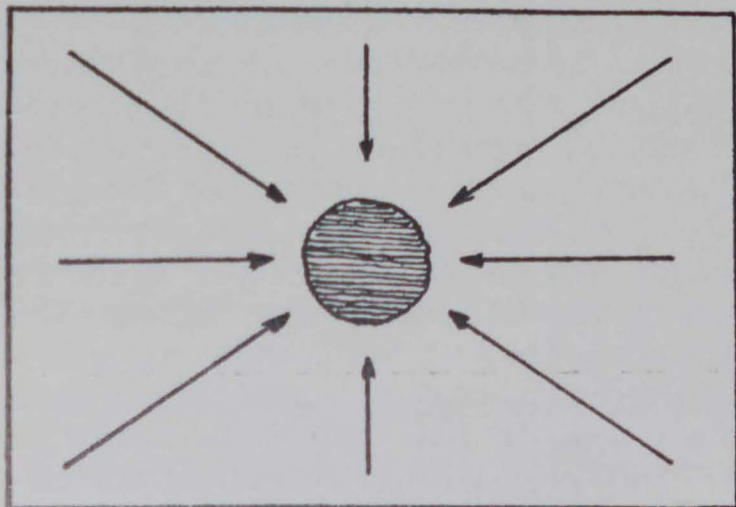


fig. 25

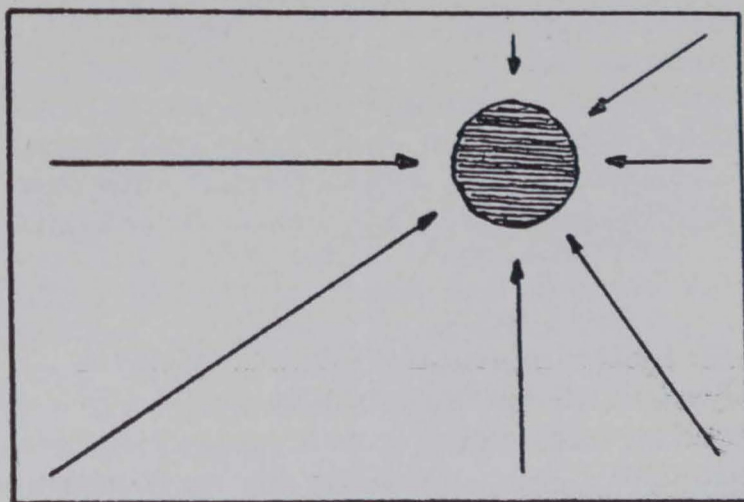


fig. 26



fig. 27

ponto não se acha locado em qualquer divisão inteira, ainda que bastante se aproxime das duas terças partes e dos dois quintos. A Divisão Aurea, ainda que inconscientemente, é sempre um elemento de apreciação em um quadro. Por este meio fugimos ao perigo decorrente das linhas ou formas que ao dividirem o quadro, horizontal ou verticalmente, acarretam a desagradável sensação de perda da unidade ou de marcante desequilíbrio.

Voltando ao Contraste e a sua influência na criação das linhas de movimento, resta-nos acentuar que tal influência pode ser exercida pela variedade entre quaisquer dos elementos composicionais.

A linha curva em contraste com um conjunto de retas, quebrando a monotonia reinante, torna-se um motivo vibrante, que agrada pela levesa e dinamismo. A curva em S, tão apreciada em todos os tempos, obtém seu explecido efeito pelo contraste com retas existentes, ou simplesmente daquele gerado pelas laterais, retas, do quadro. O contraste desta linha é por tal forma variado que ela se apresenta como ponto máximo na expressão da riqueza dinâmica composicional. A linha quebrada, no entanto, ainda que rica em poder expressivo perde grande parte de seu poder creador de movimento pela constituição, inevitável, de fórmulas triangulares — símbolos de rigidez estática.



fig. 28

As linhas de que tratamos não precisam ser, necessariamente, reais e, mui comumente, não passam de linhas imaginárias de movimento creadas pelo poder atrativo de dois pontos quaisquer. Esta questão deve ser rigorosamente observada pois, em futuro próximo, iniciaremos o estudo das formas composicionais, onde iremos encontrar sérios embaraços caso não tenhamos em mente que a forma composicional se prende às linhas de movimento creadas no quadro, e não somente àquelas, reais, ali existentes. Vemos pelos exemplos citados que uma das grandes funções da linha é a criação da idéia de movimento.

Tal idéia, no entanto, se origina também dos demais contrastes entre formas, massas, textura, e tonalidades. O contraste tonal é, possivelmente, o segundo elemento básico na constituição daquela sensação. Facilmente se concluem as razões para tanto se considerarmos que entre uma região iluminada e a vizinhante sombria forma-se, ainda que difusa, uma linha limitrofe entre massas tonais. Esta linha, além das atrações próprias creadas pelas forças individuais das massas tonais, goza de sua parte, dos mesmos atributos já considerados para as linhas. Igualmente com relação as massas poderemos tecer as considerações feitas para os contrastes tonais pois, além do poder atra-



fig. 29



fig. 30

tivo próprio, formam linhas de interseção. O caso da textura deriva dos exemplos já vistos pois irá prender-se, em última análise, a massas ou tons.

Além das considerações feitas sobre as massas e os planos, devemos considerar ainda, o conceito atual de direção das formas. Um plano, por exemplo, poderá ser dirigido para o alto, para a esquerda ou direita, enfim conforme a sensação que sua posição nos fornece podemos considerá-lo dirigido nesta ou naquela direção. As direções das formas contidas no quadro são outros elementos geradores de contrastes além daqueles criados pelas linhas de suas formas. Ainda uma vez, antes de terminar nossos fundamentos, julgo acertado chamar a atenção para o perigo dos exageros na aplicação de qual-

quer um deles. No estudo de hoje, por exemplo, poderíamos concluir que o acúmulo de contrastes nos daria o máximo de efeito dinâmico, o que seria totalmente errôneo e absurdo. Os contrastes devem ser usados na justa medida, com uma intenção determinada e sempre tendente a melhor apresentar a emoção subjetiva do autor. Este é o verdadeiro escopo dos fundamentos composicionais, bem como de toda a Composição.

Por este motivo devemos ter, constantemente, a noção de que todos estes elementos devem seguir entrelaçados e unidos para a consecução de um todo uno e harmonioso.

O efeito final é a meta que deve ser atingida mediante aplicação racional de todos estes princípios. Apliquem-se, neste sentido, todo o conhecimento e técnica possíveis, tendo em mente que uma vez obtido um resultado bom, este irá se impôr não por tais motivos, mais sim pelo valor artístico que apresentar.

Desejoso de não iniciar novo assunto, por temer extender-me em demasia, encerro aqui nossa palestra para voltar no próximo número com os Elementos Secundários e o início das Formas Composicionais.

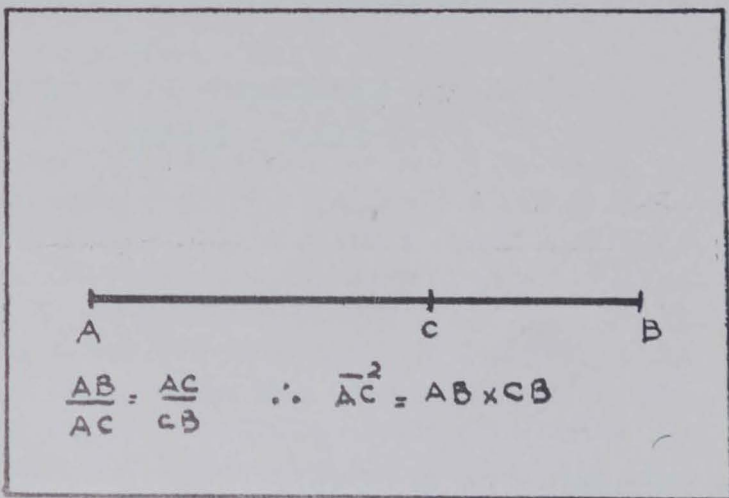
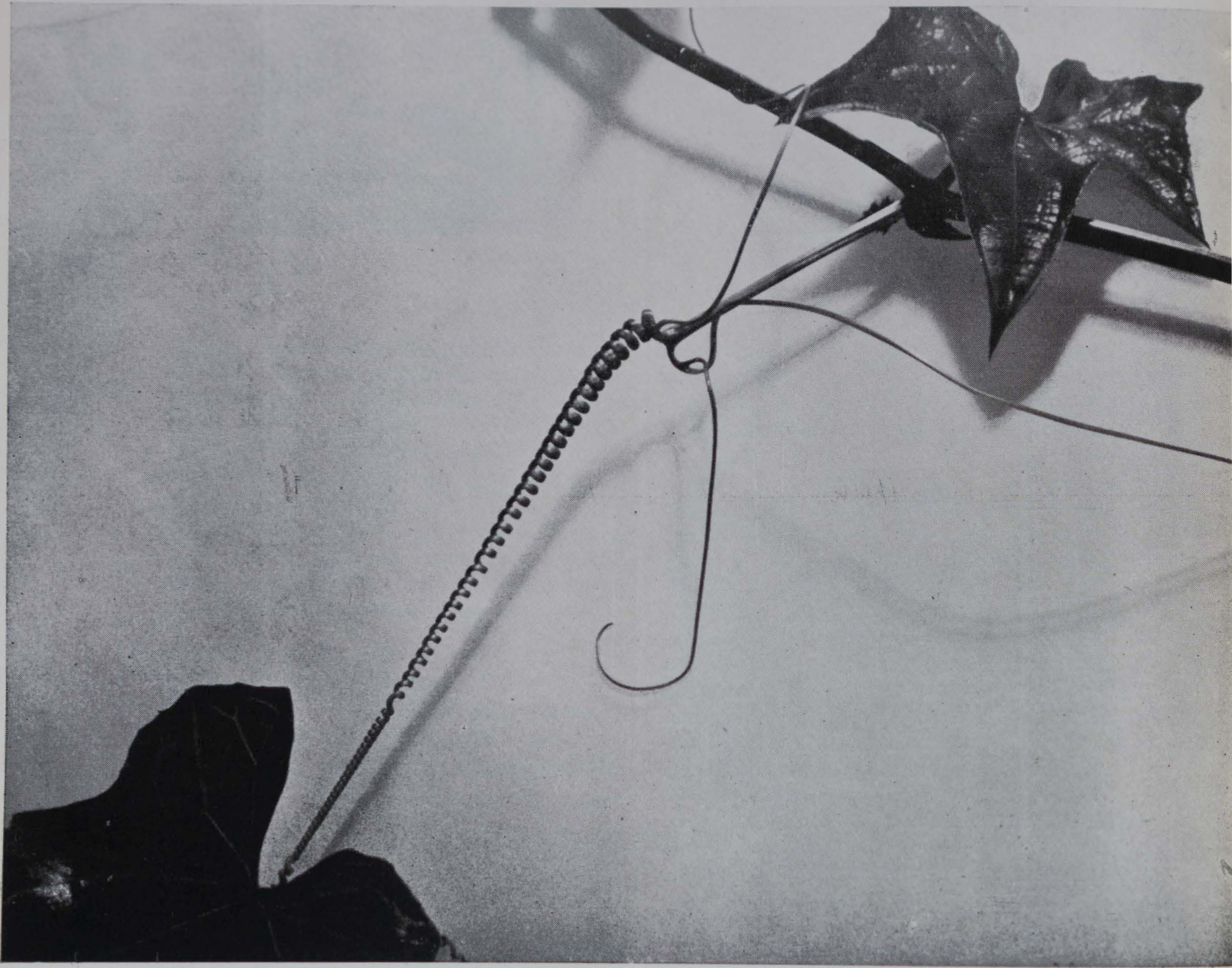


fig. 31



“ESPIRAL”

Kazuo Kawahara - F. C. B.
S. Paulo - Brasil

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Filtros

TRANSPARÊNCIA E ABSORÇÃO DAS CORES

adaptação por CLAUDIO PUGLIESI - FCB

Sabemos que as emulsões sensíveis usadas em fotografia, são incapazes de, por si sós, traduzirem corretamente, em tons de branco e preto, as várias cores existentes na natureza, de vez que umas atuam sobre a emulsão mais fortemente do que as outras.

Os filtros (pequenos vidros de cor usados sobre as objetivas) têm justamente a finalidade de corrigir essa tradução das cores e conhecendo-se os seus efeitos e como atuam, eles nos permitirão também modificar, á nossa vontade, essa tradução de tons.

Em princípio, os filtros atuam absorvendo uma certa quantidade das radiações que compõem a luz solar e que concorrem para impressionar a emulsão sensível. Para compensar essa perda de luz deve-se, portanto, prolongar o tempo de pose, na proporção da intensidade dessa perda. A isto denominamos "coeficiente de exposição" ou "fator" do filtro. Mas antes de falarmos dos fatores, falaremos dos filtros mesmo, suas qualidades e suas propriedades, demonstrando gráficamente o que eles realmente são e como se comportam em relação ás cores por eles filtradas.

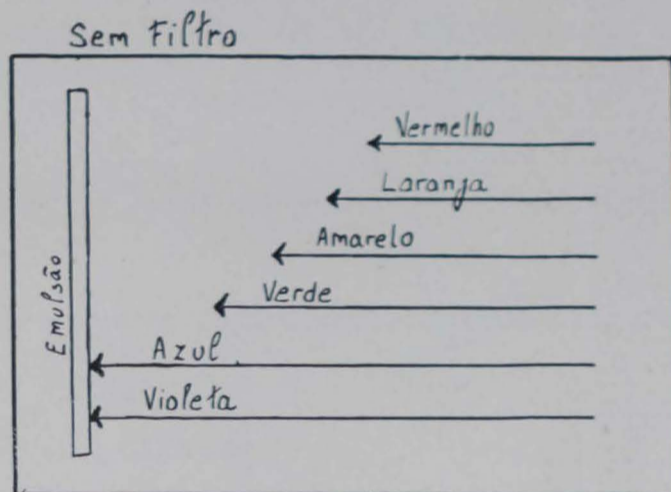
Lembraremos sempre que um filtro de determinada cor, em princípio, faz passar livremente a própria cor e absorve completamente a cor complementar (uma cor é complementar de outra quando combinada com ela produz o branco). Na prática, porém, esta transparência e absorção não são completas e dependem em grande parte da própria intensidade da cor do filtro. Se o filtro é de cor leve, a absorção é muito fraca; se a cor é muito intensa, o efeito será mais acentuado. Porisso é que procuramos filtros de diversas tonalidades e os aplicamos aos casos em que melhor poderão render na tomada das cores, sempre tendo em conta a sensibilidade cromática do filme e a força que ele possui em tra-

duzir corretamente o tom das cores.

Os gráficos que seguem demonstram como trabalham os filtros geralmente mais usados, sem levar em conta a intensidade dos mesmos em relação á própria cor.

Sem filtro

Quando não usamos filtro sobre a objetiva, todas as radiações, do vermelho ao violeta, passam livremente através da objetiva para impressionar a emulsão, de conformidade com os seus próprios valores (sabemos que certas cores exercem maior ação do que outras).



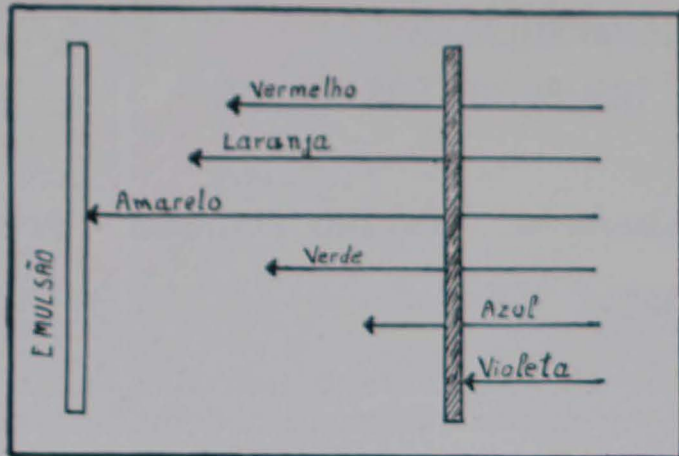
Comumente, trabalhamos assim, sem filtro, quando as condições de iluminação são más, ou á luz artificial.

Filtro amarelo

A cor complementar do amarelo é o azul. Sendo o amarelo formado pelo vermelho e o verde, o filtro amarelo faz passar, praticamente, a própria cor amarela, o vermelho, o laranja e o verde. Absorve quasi todo o azul e, inteiramente, o violeta.

Usa-se para filmes tanto ortocromáticos como pancromáticos e especialmente nas horas centrais do dia. Dá excelente correção das cores e geral-

Filtro Amarelo

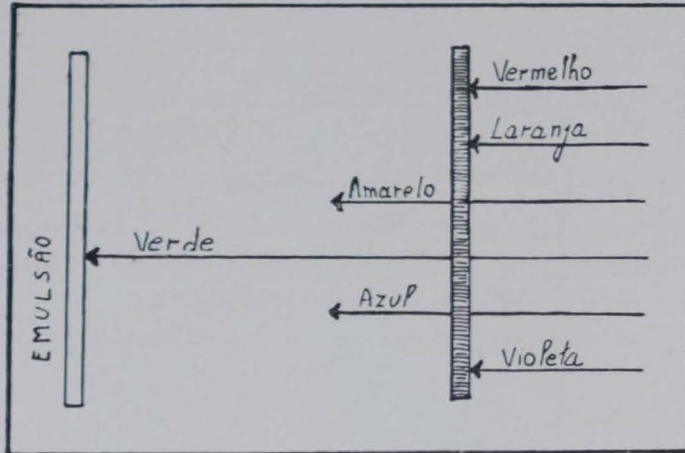


mente é encontrado em três tonalidades. Destaca bem as nuvens ou objetos claros contra o azul do céu, pelo que é recomendado para as paisagens ou fotografias arquitetônicas. Util também, para a tomada de naturezas mortas.

Filtro verde

O complemento do verde é formado da composição do azul e vermelho (magenta). O filtro verde deixa passar livremente os raios verdes, para reter parte do azul e do amarelo e, completamente, o vermelho, laranja e violeta.

Filtro Verde

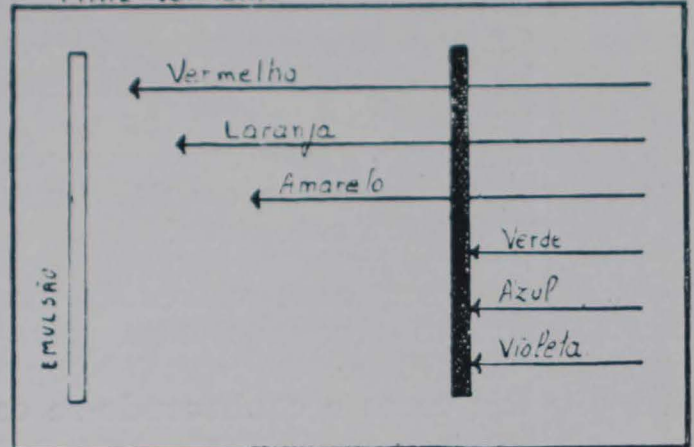


Pode-se considerá-lo um filtro universal para os filmes pancro e ortocromáticos e principalmente para os primeiros. Ótimo para acentuar o verde em suas várias tonalidades pelo que é especialmente recomendado para as paisagens onde aquela cor predomina; aplica-se também em todos os casos recomendados para o amarelo, quando se quer efeito mais acentuado.

Filtro vermelho

A cor complementar do vermelho é o verde-azulado. Na prática, o filtro vermelho faz passar livremente a própria cor, um pouco menos do laranja e do amarelo, enquanto que elimina o verde e o violeta.

Filtro Vermelho

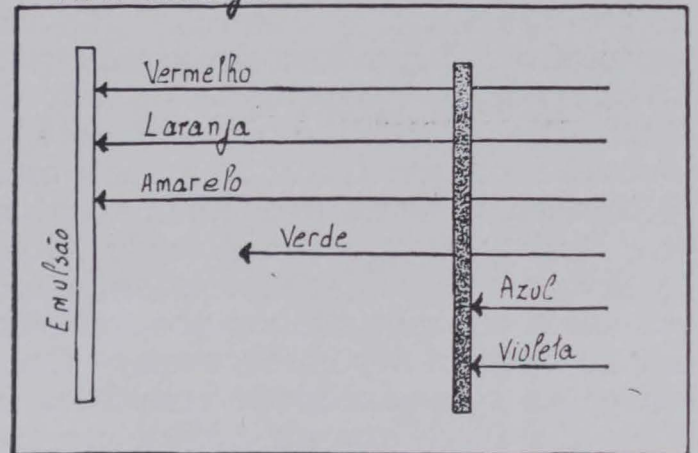


É usado nas paisagens com céu muito claro ou para obter efeitos especiais de pesadas nuvens, ou de noturnos; nas fotografias panorâmicas, dá maior alcance ao horizonte geralmente enevoadado; corrige a cor vermelha que, como se sabe, é das que menos impressionam os filmes. Usa-se exclusivamente com as emulsões pancromáticas, já que as ortocromáticas não são sensíveis ao vermelho.

Filtro laranja

Sem falar na própria cor, este filtro faz passar com maior intensidade do que o filtro vermelho, esta cor, e o amarelo, além de um pouco do verde, absorvendo o azul e o violeta.

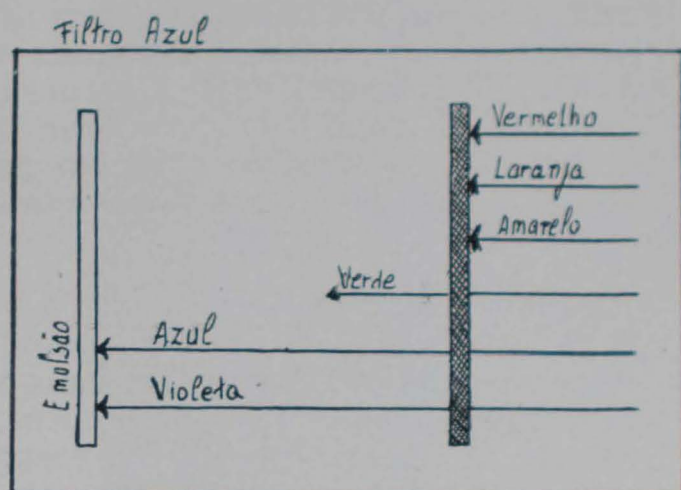
Filtro Laranja



Seus efeitos e sua ação são mais ou menos idênticos aos do filtro vermelho, porém, com menos intensidade, pelo que tem este filtro mais larga aplicação, principalmente nas fotografias arquitetônicas.

Filtro azul

Corrige o azul, cuja cor complementar é o amarelo (este se compõe pelo verde e o vermelho). Além da própria cor, tem acentuada transparência para o violeta e um pouco do verde, retendo os raios vermelhos, laranjas e amarelos.



Porisso, é usado principalmente com luz artificial, a qual contém grande número de raios vermelhos, laranja e amarelos. Util nos retratos, fará ressaltar melhor a cor dos lábios e a textura geral da pele.

TEMPOS DE EXPOSIÇÃO (fatores)

Daremos aqui apenas um apanhado geral e não uma fórmula rigorosa sobre estes dados, ou fatores dos filtros. De fato, eles são, por assim dizer, superfluos, uma vez que as emulsões sensíveis de que dispomos hoje em dia, possuem tal coeficiente de segurança ou latitude, que mesmo dando-se o dobro do tempo de pose normal, pequena será a diferença que acarretará. Esclarecemos já no início, que o "fator" é a proporção no aumento do tempo de pose exigido pelo emprego de determinado filtro. Assim, p. ex., com o filtro amarelo médio devemos dar 2 vezes o tempo de pose que daríamos sem filtro algum: o fator do filtro é, portanto, 2.

As tabelas abaixo que, como os demais dados, extraímos de FOTO-LIBRO, dão um valor aproximado, pelo que é oportuno seguir as indicações de cada um dos fabricantes do material sensível e do filtro usado.

TAB. I — COM LUZ SOLAR

sensibilidade			amarelo claro	amarelo médio	amarelo forte	verde amarelo	verde médio	vermelho
Emulsões ortocromáticas (grão fino)								
17°	a	20° Sch.	1,5	2	3	2	3	—
21°	a	24° Sch.	1,5	2	3,5	2,5	3,5	—
Emulsões Pancromáticas								
17°	a	20° Sch.	1,5	2	2,5	2	3	8
21°	a	24° Sch.	1,5	2,5	4	3	4	10
25°	a	28° Sch.	1,5	2	3	2,5	3,5	5

TAB. II — COM LUZ ARTIFICIAL

Filme pancromático			amarelo claro	amarelo médio	amarelo forte	verde	azul
17°	a	20° Sch.	1	1,1	1,2	3	2
21°	a	24° Sch.	1	1,1	1,2	3	2
25°	a	28° Sch.	1	1,1	1,2	5	2,5

Exatidão nas Ampliações

Adaptação por LÉO LEONI

O processo mais usual para estimar a exposição correta a ser dada numa ampliação, é o de preparar uma tira de prova que cubra a parte mais contrastada do assunto e fazer uma série de exposições crescentes em porções regulares do papel da tira de prova. Depois de revelar e fixar, por análise visual se estabelece a exposição mais adequada.

O método não é, porém, tão exato quanto parece á primeira vista, pois resulta um pouco difícil apreciar, por meio de uma pequena parte da imagem, o efeito final da ampliação toda. Os amadores, principalmente, ao realizarem um trabalho intermitente e muito espaçado no tempo, não estão capacitados para adquirir a experiência necessária para interpretar o efeito geral, apenas por meio da tira de prova. Comumente, os resultados finais são, ou um pouco mais densos, ou um pouco mais debeis do que se havia visto na prova, devendo-se repetir a ampliação.

Como, então, se poderá estar certo da exposição a ser dada? O que indicamos em seguida é um bom sistema para dar uma solução prática ao problema.

Primeiro se estabelecem as relações exatas entre o tamanho da ampliação e a exposição a ser dada para um tipo normal de negativo, com o ampliador particular em uso. Uma vez encontrada estas relações, anotam-se num lugar visível do ampliador. Assim, na coluna do ampliador, marca-se o lugar correto para uma ampliação 1:1 (isto é, de tamanho igual ao do negativo original), 2x (dobro), 2,5x, 3x (triplo), 3,5x 4x (quadruplo), 4,5, e 5x (cinco vezes o tamanho do negativo original).

No mesmo lugar anota-se a exposição adequada para o tamanho de ampliação indicado. A tabela que assim se estabelece poderá ser lida a qualquer momento durante o trabalho. (Nas últimas linhas indicamos uma forma prática de estabelecer as relações entre exposição e tamanho de ampliação).

Tendo estabelecido em primeira instancia estas relações, deve-se fazer uma exposição de prova, não sobre uma tira, mas sobre uma folha de papel inteira, cobrindo toda a imagem em consideração. Assim, amplia-se uma imagem 6x9 na relação de 1:1, isto é, do tamanho igual (6x9), anotando o tempo de exposição correto e o tempo que requer a revelação. Possivelmente, para chegar a uma imagem exata, será necessário repetir várias vezes até encontrar a exposição correta, mas devemos considerar que este trabalho se realiza uma vez para sempre, o que justifica o aborrecimento que dá.

Usando a técnica de preparar a ampliação total, tem-se a vantagem de comparar toda a imagem em seus valores relativos de luzes e sombras, o que não se obtém quando se prepara apenas uma tira de prova.

Se a ampliação de prova resulta fraca é sinal que foi sub-exposta. Ao contrário, se aparecer muito densa, terá sido sobre-exposta. Nestes casos, deve-se fazer nova prova, modificando o tempo de exposição. Quando, por observação visual, se chega á conclusão de haver obtido o melhor possível, fixa-se um fator de exposição por meio dos segundos que foram necessários para executar a ampliação. Então, torna-se a focalizar a imagem, agora, porém, no tamanho maior que segue ao inicial. Já se conhece o fator de ampliação, pois se a imagem de prova era da relação 1:1, a seguinte será de 1:2. Multiplicando a quantidade de segundos que foram precisos para a primeira ampliação por 2, se obtém o tempo de exposição que corresponde a um tamanho duplo da imagem. Se se usa um revelador novo e abundante e se repete as mesmas condições de revelação (agitação e temperatura) que se realizaram durante a execução da copia de prova, a ampliação em dobro, deverá ser perfeita.

Cont. na pág. 19



"ÚLTIMAS LUZES"

Ludwig Schuster
München - Alemanha

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

"VENICE"

Maurice Van de Weyer
Antuerpia - Bélgica





"A ESPUMA DE SOTAVENTO"

**Paulo Muniz - F.C.B.
Rio de Janeiro, Brasil**

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo



“LIBELLE”

Trond Hedstrom
Finlandia

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

A imagem de prova deve ser revelada por completo, isto é, até exgotar as possibilidades de aumento de contraste. O mesmo principio deve-se aplicar para as outras ampliações, pois a eficácia do processo reside sobre este detalhe importante. Para assegurar o tempo de revelação completa, pode-se empregar o seguinte processo: toma-se uma prova do tamanho que se escolheu para todas as provas (1:1) e se introduz no revelador apenas metade, deixando a outra metade de fóra. Quando se chegou a uma imagem suficientemente densa, por revelação mais longa do que a normal, tira-se do revelador, lava-se ligeiramente e torna-se a pô-la no revelador, agora, por inteira. Então, começa-se a fazer o contrôle do tempo que demora o revelador para igualar as duas superfícies quanto á densidade e contraste. Geralmente esse tempo será mais curto do que o empregado na primeira metade da imagem e servirá como dado de revelação exata. Uma forma mais elementar consiste em cingir-se extritamente aos tempos de revelação que são recomendados para cada revelador, sempre que a exposição empregada seja realmente exata. De qualquer forma, o tempo obtido é o tempo standard para qualquer tipo de ampliação que se realizar futuramente, sempre que o revelador seja da mesma composição e seja novo.

Este assunto do revelador novo, é muito importante, pois os banhos velhos e quasi exgotados são irregulares e trabalham mal. Em alguns tratados se recomenda a técnica de molhar previamente os papeis para permitir o uso de pouca quantidade de revelador para cada ampliação, de modo a poder jogar fóra o que, já se usou uma vez. Entretanto o processo tem o inconveniente de aumentar o tempo de revelação para cada ampliação. Um fator de importância nestes casos é dado pelo número 50, pois ele fixa a quantidade de líquido que deve haver, como mínimo, na cuveta, para que a revelação seja correta. Multiplica-se a superfície do papel de ampliação (em cm²) pelo fator 50 e o resultado será a quantidade de centímetros cúbicos de líquido necessário. A cuveta deve ser bem plana e não é difícil encontrá-las no comércio do ramo. Se o papel é bem molhado ao iniciar-se a

operação o perigo de produzir marcas é eliminado.

Mais acima fizemos referência á necessidade de aumentar a exposição para ampliações maiores, de acordo com o ampliador de uso particular. Se se costuma usar sempre o mesmo ampliador, justifica-se a perda de tempo para obter os fatores de exposição para os diversos tamanhos de ampliação.

Para isso, recorre-se a um negativo normal, de boa gradação tonal. Primeiramente se projeta uma imagem de tamanho igual ao do negativo original e se estabelece com toda exatidão a exposição necessária para se obter uma imagem correta com um tempo de revelação adequado a uma revelação completa. Este tempo básico é anotado, projetando-se em continuação, uma imagem 1½ vezes maior. Para assegurar uma grande exatidão no tamanho maior escolhido, pode-se usar uma tira de celulóide graduado de modo que ao projetá-la sobre o taboleiro pode-se medir o tamanho de ampliação obtido.

Depois de obter o tamanho de ampliação desejado, expõe-se o negativo sobre o papel 1½ vezes mais do que o tempo necessário para a imagem de prova. Revela-se o tempo exato, fixa-se, e compara-se a imagem obtida com a da prova anterior, de tamanho menor. Se o grau de contraste e densidade é correto, anota-se o tempo de exposição como fator invariavel para esse tamanho de imagem e o mesmo tipo de negativo empregado. Para cada tamanho de ampliação repete-se o mesmo trabalho, de maneira a se obter uma tabela completa. Não é, porém, absolutamente necessário usar uma folha inteira de papel para as ampliações maiores, pois, neste caso, basta uma tira de prova, porque já se pode observar toda a imagem nos outros tamanhos e é muito difícil enganar-se em semelhante tipo de verificação visual.

Pode acontecer que ao procurar o fator de exposição este não coincida com o fator de ampliação, mas seja um número diferente deste; o assunto, porém, se remedeia facilmente por meio de provas adicionais que permitirão chegar ao dado correto para cada caso.

Transcrito do

“Correo Fotografico Sudamericano”



FLAGRANTES DO IX SALÃO — 1) Os destacados bandeirantes, Da. Menha Polacow e casal Ludovico Mungoli, em animada “crítica... 2) O Sr. Eduardo Bizzarri, representante do Sr. Consul Geral da Itália e do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, acompanhado de nosso Presidente, percorre a esplendida mostra que durante 31 dias atraiu cerca de 120.000 visitantes.

Os Brasileiros no IX Salão Internacional de São Paulo

JOSÉ OITICICA FILHO

Ao regressar da América em fins de Julho do corrente ano, tinha em mente o firme propósito de assistir à inauguração do nono Salão de S. Paulo e por duas razões imperiosas. Primeiro movia-me a saudade dos colegas em Arte Fotográfica do Bandeirante que há tempos não via e dos quais sempre guardei as melhores recordações dotados que são de grande espírito de camaradagem e, conseqüentemente, de notável compreensão democrática dos problemas e das dificuldades da Arte Fotográfica no nosso Brasil. Segundo, ainda não vira um Salão sequer em S. Paulo. Parecia-me incrível que eu, interessado como sou pela Arte Fotográfica, ainda não pudera dar um pulo a S. Paulo, para, naquele ambiente de amizade que é o Foto-cine Clube Bandeirante, conhecer pessoalmente um Salão Paulista.

Mas desta vez lá fui eu e não me arrependi. Além do Salão, muito vi e aprendi entre os meus amigos de São Paulo. A séde própria, fotos e mais fotos e muitas e muitas outras coisas.

Mas por hoje vamos ao Salão.

Boa impressão tive eu, apesar da seleção, segundo os membros do Juri, não ter sido fácil, pois o nono Salão veio logo após o oitavo que fôra transferido e portanto o número de provas recebido foi muito abaixo dos recebidos em Salões anteriores. Boa impressão, dizia eu. Bem equilibrado e com assuntos e concepções diversas, se bem que o modo de tratar e apresentar certos assuntos, na minha opinião, não estava a altura de um Salão Internacional. Mas esses casos eram muito poucos e em nada desequilibravam o Salão.

E quais as minhas impressões? Minhas impressões dos brasileiros somente. Elas vão na base do que eu sinto como Arte e com Tolstoi, costume compreendê-la e senti-la como uma atividade humana cujo propósito é a transmissão a outros dos mais altos e melhores sentimentos atingidos pelo homem. E tudo isto sem preconceitos contra os chamados modernistas ou “pesquisadores” (termo que aplicado à Arte é

interessante e que conheci em S. Paulo). Assim, vamos aos de casa.

As melhores impressões do Salão eu as recebi de LORCA, SOUSA LIMA, GASPARIAN e KLEEMAN, entre os brasileiros que são os que estão na berlinda. Vamos pois, primeiro a eles.

Com um dos mais interessantes quadros do Salão, "Le diable au corps", LORCA parece-me um pesquisador, não só com o quadro acima, como com "Chuva na janela", interessante e bem concebido. "Le diable au corps" que parece ser um bom exemplo de solarização, tem tudo e alguma coisa mais de um bom quadro pictórico. Assim tenho a lamentar ter o Juri aceito de LORCA dois dos outros quadros apresentados por este artista: "Pano" e principalmente "Cênas quotidianas", quadro de reportagem banal e mal apresentado, com pruridos de tema social. Ou o Salão é de Arte Fotográfica ou de reportagem, e reportagens há de alto senso pictórico ou de bela apresentação. Desculpe-me LORCA, mas isto aqui é de amigo para amigo e com o único intento de vê-lo cada vez mais alto como grande expressão, que já é, da Arte Fotográfica no Brasil.

Tomo depois SOUZA LIMA. Meus parabens. Três quadros equilibrados, de ótima execução, sobressaindo-se "Garota de Petty" tènicamente primoroso e "O espectro da rosa" de bela concepção e execução.

GASPARIAN com "Libertas quæ sera tamen" nos deu uma primorosa natureza morta, bem executada e um dos ótimos quadros do Salão. "Pão e vinho" do mesmo autor muito bom, também. Por isto, como no caso de

LORCA, fiquei triste com o Juri, por ter aceito "Rosas" do mesmo autor, quadro evidentemente muito fraco em qualquer mostra de Arte Fotográfica.

E agora KLEEMAN. Merece muitos parabens pelo seu quadro "Eliane Lage". Boa pesquisa no tema retrato. Não sei o que mais gosto, se a concepção arrojada, se a iluminação, se a bela execução ou se a interessante composição. Um bom quadro realmente. E os seus três outros quadros são também muito bons com o mesmo arrojo de pesquisa e acabamento, porém não os coloco a mesma altura do "Eliane Lage".

AGOSTINELLI ótimo com "A espera", de linhas modernas e boa composição.

CACCURI Jr. tem um bom quadro com "Saveiros", que melhoraria se o primeiro plano não fosse tão claro, deixando os reflexos do ceu, mais claros do que o próprio ceu.

CAMARGO com "Sonata ao luar", expôs e executou bem uma bela concepção, que um Juri apressado talvez custe a compreender. Parabens CAMARGO.

CASTRO FILHO, com "Ritmo" apresentou um bom exemplo de design e boa técnica de viragem.

CERVELINI com "In vitro" pareceu-me um bom pesquisador. Bom quadro, apesar do tema não ser novo. Mas que tema será novo?

ARMANDO FERREIRA, deu-nos "Recanto de Atelier" interessante como ideia, porém um pouco fraco na execução. Acho que o quadro ficaria bem melhor abaixando o tom de uma es-

Francesconi, Fiori e Otsuka foram os dedicados bandeirantes que "montaram" o IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, cuja seleção esteve a cargo de Nuti, e de Salvatore, Polacow, Yalenti e Albuquerque, que aparecem no cliché ao lado comentando uma das provas.



tátua branca, pequena, ao fundo, que incomoda um pouco o observador.

FREITAS, com "Estacionamento" explorou um tema em moda, porém foi feliz. Que tal alguém no caminho do primeiro plano?

Com LANDAU, em "Descanço", o Foto Clube Brasileiro, representou-se dignamente no Salão. Muito boa composição e notável concepção. LANDAU revelou-se bom pesquisador e meus parabéns.

KOJRANSKI, com "Melancolia marítima", explorou o conhecido tema do barco e da água. Boa água, porém o barco parece-me um pouco deslocado na composição. Ou será pesquisa?

MORALES FILHO em "Meditação" expôs um quadro simpático. Foi esta minha primeira impressão. Que tal se o tom do primeiro plano fosse abaixado? Medite nisto (sem trocadilho) e veja se tenho ou não razão.

MUNIZ, um outro do Rio, explorou a HOGAN um motivo marinho "A espuma a sotavento", muito boa, que melhor ficaria sem a corda desfocada do primeiro plano. Um pequeno retoque e o quadro ganharia muito.

NASCIMENTO JUNIOR, expôs quatro quadros, dos quais dou preferência ao "Espectro do planeta", no qual se revelou como bom compositor e artista de ideias. O seu "Malandro" é bom. Mas, parece um malandro? Prefiro o seu "Auto retrato" e não gostei da "Margarida" como mostra de Arte.

OTSUKA, com "Reflexo", explorou o tema da rua molhada e o fez com muito sucesso, com gradações das meias tintas excelentes.

SATO, com "Esmerilhagem" deu-nos um ótimo exemplo de como se pode fazer Arte com assunto documentário. E que bela técnica. O seu "Fé" é também bom, mas, ao meu ver, é um caso em que maior gradação nas sombras daria maior realce ao quadro.

VACCARI, expôs belo quadro de flores em "Copos de leite", muito superior ao outro, de idêntico tema, intitulado "Crescendo".

E sobre os membros do Juri, todos brasileiros? Aqui vai a minha opinião, a "pedido geral". Em primeiro lugar coloco ALBUQUERQUE, com o seu "Dramas da vida", tema social e bem executado, apesar da pesquisa na com-

posição quase jogar fóra do quadro o automóvel à direita, de luzes acesas. Digo quase, porque ele se mantém no quadro e daí o valor da pesquisa e da novidade. Dos dois retratos de ALBUQUERQUE, prefiro sem dúvida "Sex Appeal". De NUTI, escolhi "Redes", tema batido, mais sempre bem-vindo. O quadro de NUTI não é fóra do comum, mas a composição é boa e o quadro é agradável. SALVATORE, abaixo de suas possibilidades, apresentou uma pesquisa com "La Cathedrale Engloutie". Mas será que sem ler o título seja possível entender a prova? Fui e sou contra a subordinação do assunto ao título. Assim POLACOW, outro membro do Juri, subordina quase sempre, os seus assuntos aos títulos, trocando-os mesmo, como no caso de sua prova "Porão", na qual o público e com mais razão qualquer entendido vê dois gatinhos. Lido o título **pesquisa-se, pesquisa-se** e acaba-se descobrindo o tal porão. YALENTI, também, muito abaixo de suas possibilidades, salva-se ao meu vêr, com "Confidentes", o velho tema dos postes telegráficos, porém bem composto e de um acabamento técnico impecável. O seu "Zig-zag" não é mau e como "design" modernista é um bom exemplo, apesar de achar não ser uma obra artística digna de um YALENTI, de "Paralelos e diagonais e de "Alerta" e de tantos outros belos quadros que ví nos Salões anteriores aqui no Rio. Desculpa-me, mas isto aqui é "conversa em família", não é mesmo? E foi com a condição de usar de franquesa que me abalancei a escrever a presente crônica.

E para terminar: o que houve com os nossos artistas do Rio? Só vimos LANDAU, CALHEIROS e MUNIZ. E o pessoal da Fluminense? Segundo dados que colhi com os organizadores do Salão eles não enviaram provas. O que houve? Será que o conhecidíssimo Salão de S. Paulo não é um bom Salão porque não distribui prêmios? Julgar-se da importância de um Salão indagando se ele distribui ou não prêmios é, na minha opinião, um palpito e um palpito infeliz. Mas isto já é outra história, já são outros "quinhentos cruzeiros".

★ Aperfeiçoe-se na arte fotográfica, participando dos concursos internos do Clube ★



"OUTONO"

Geraldo Cintra de Padua - F. C. B.
Mogí das Cruzes - Brasil

Do IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

1.º Festival Internacional de Cinema Amador

Coroado por brilhante êxito e excepcional interêsse público, foi realizado nos dias 13 e 14 de outubro, no magnífico auditório do Museu de Arte, gentilmente cedido pela Diretoria daquela instituição cultural, o **1.º Festival Internacional de Cinema Amador**, idealizado e promovido pelo Departamento Cinematográfico do Foto-cine Clube Bandeirante, sob a orientação de Antonio da Silva Victor.

Um público selêto e distinto acompanhou, vivamente interessado, o desenrolar das duas sessões desse arrojado cometimento bandeirante, o qual congregou 8 países, a saber: Argentina, Brasil, Cuba, Estados Unidos da América do Norte, França, Inglaterra, Suíça e Uruguai, com um total de quinze filmes dos mais variados temas e gêneros, desde filmes de enredo até filmes experimentais, em branco e preto ou em côres.

Não cabe aqui, neste simples noticiário, uma análise mais demorada do que foi esse 1.º Festival no tocante à qualidade dos filmes exibidos, o que deixaremos para outra oportunidade. Basta dizer que se houve no programa alguns poucos trabalhos sem maior expressão, a maioria apresentou apreciável índice técnico e artístico; alguns deles surpreenderam mesmo, como notáveis realizações, como p. ex., "Délire", "Kaleidoscopio", "Voorlezer's House", enquanto ou-

tros se destacaram pela cuidadosa apresentação e aí situamos "Estudos", "Des Tenebres a la lumière", "Parques e Jardins", "Ski en Nahuel Huapi", estes últimos esplendidos documentários que nada ficam a dever aos melhores já apresentados no cinema profissional.

Como a finalidade do Festival é assegurar o primeiro passo para um maior estreitamento do intercâmbio cinematográfico entre os amadores nacionais e os do estrangeiro, inexistindo qualquer intuito de disputa entre os concorrentes, parece-nos ter sido esse objetivo plenamente atingido. Devêras animador foi o interêsse e a carinhosa acolhida pelo culto e numeroso público presente às sessões do Festival, recebendo de forma muito compreensiva as diversas películas e criticando-as com sinceridade. Registramos, prazerosamente, mais esta manifestação de cultura do público paulistano que sabe contribuir com sua entusiástica presença para o desenvolvimento e aprimoramento de atividades culturais e artísticas como a do cine-amadorismo, cujo alcance dispensamo-nos de salientar.

Foi tal o interêsse despertado por solicitação do Centro de Estudos Cinematográficos, o Clube promoveu uma sessão especial para os associados dessa prestigiosa entidade, com os melhores filmes do programa.

Apresentado o Festival e apreciados os filmes que o compuzeram, desejamos sinceramente que os interessados e estudiosos tenham obtido elementos para seus comentários - favoráveis ou contrários - e também colhido algum ensinamento da observação, da comparação e da assimilação daquilo de melhor contido em cada uma das pequenas obras projetadas. Si a esse 1.º Festival demos o cunho de apenas divulgação e intercâmbio, é bem possível que o próximo, com maior amplitude e repercussão, já terá o caráter de disputa e muito mais valiosas serão, por certo, as obras apresentadas. Contudo, devem os dirigentes do F.C.B. estar sa-



O Sr. Anselmo Borgonovo, DD. Consul Geral da Rep. Argentina em S. Paulo, comenta o programa do Festival com o Dr. Eduardo Salvatore, presidente do F. C. B.



Dois aspectos do seieto e numeroso público que, nas noites de 13 e 14 do corrente, lotou a bela sala de projeções do Museu de Arte.

tisfeitos e inteiramente recompensados dos esforços dispendidos, porquanto já vimos como estão frutificando, trazendo ao amador nacional estímulo muito grande e a convicção de também poderem realizar obras idênticas ou superiores.

Foram os seguintes os países e filmes que participaram deste I.º Festival:

ARGENTINA: "Ski em Nahuel Huapi" — kodachrome de Carlos Barrios Baron; "Sueno Infantil" — de Julio Ingenieros; "Rumbo a Miramar" — kodachrome, sonóro, de Oswaldo C. Vacca; e "Refugio", filme de enredo de Roberto Robertie, todos do Cine Club Argentino.

BRASIL: "Estudos", filme experimental de Thomas J. Farkas e Luis Andreatini, "Parques e Jardins de S. Paulo", kodachrome de Benedito J. Duarte, ambos do F. C. Bandeirante.

CUBA: "Kaleidoscopio", filme experimental em kodachrome, de Roberto Ortega Machado, da A. C. I.

ESTADOS UNIDOS: "Nantucket", kodachrome, de Russel T. Pansie — ACL; "The unexpected", filme de enredo, em kodachrome de Ernest H. Kremer, ACL; "Lend me your ear", filme de enredo, kodachrome, de Mrs. Irma Niedmeyer, ACL. e "Voorlezer's House", em kodachrome, de Frank E. Gunnel, ACL.

FRANÇA: "Délire" — filme experimental de Roger Masson, da Fed. Française des Clubs de Cinema d'Amateur;

INGLATERRA: "Mower Madness" — de C.E. e E.S. Marshall, do "Institute of Amateur Cinematographers", Londres;

SUIÇA: "Des tenebres a la lumière" — de A. V. Haefliger, da "Bund Schweizerischer Kino-Amateurklubs";

URUGUAY: "Redencion" — filme de enredo, em 8 mm., de Nelson Cobian, do Cine Club del Uruguay.

Para a realização deste primeiro festival internacional, o F. C. Bandeirante contou com a preciosa colaboração da

"Amateur Cinema League" de Nova-York, EE.UU., da "Union Internationale des Cine-Amateurs" (UNICA), do Cine Club Argentino e do Cine Club del Uruguay.

★

Liberdade de Critica e interesses comerciais

Quem já havia estabelecido o saboroso "hábito" de recorrer à coluna de Benedito J. Duarte, para obter uma orientação sôbre a qualidade da programação cinematográfica da semana, deve estar lamentando a ausência que se prolonga já há muitas semanas.

Esse vácuo, ou melhor, essa lacuna, aí está, provocando comentários desencontrados. Nós, do Clube, sentimos-nos no dever de esclarecer o seu motivo, e o fazemos, movidos do desejo não só de externar o nosso inteiro apoio pela desassomburada atitude do estimado Amigo e Companheiro, como também para ressaltar, e de forma frizante que, a Arte, como nós do Foto-Cine Clube Bandeirante a entendemos e praticamos, sobrepuja e se situa bem alto, inatingível a qualquer interesse onde possa surgir o valor pecuniário.

Encontrou-se o nosso caro Companheiro, por força de comentários de sua coluna especializada, sempre orientada com os nobres princípios da estética cinematográfica, solicitado a retificar considerações registradas em torno de momentoso filme há pouco exibido em nossos cinemas.

(Conclue na pg. 31)

Conversando com o Cine-Amador

ANTONIO DA SILVA VICTOR - F. C. B.

Vamos continuar nossa "conversa", iniciada no último Boletim, tratando sucintamente, de mais alguns tópicos que interessam sobretudo aos cineamadores, principalmente os que estão se iniciando na sétima-arte, a qual exige além de muita paciência, muito estudo e cuidados especiais com os respectivos materiais. Como dissemos em nossa última "conversa", estamos inteiramente as ordens dos aficionados para, por intermédio destas colunas, procurar auxiliá-los sobre as suas atividades, respondendo às consultas que nos forem formuladas.

* *

TOMADAS — O "amador" não deve ter pressa em filmar suas cenas. Há sempre tempo para aprender em suas primeiras tentativas. Procure escolher o melhor ângulo para aumentar a impressão artística do seu trabalho. Verifique com o maior cuidado a distância do assunto a ser filmado, enquanto ainda não conhece os recursos do diafragma. Si sua lente é de foco fixo, verifique sempre se ela está bem fixa ao filmador para não ter o dissabor de receber seu filme com o grave defeito do "fóra de foco". Si sua lente é regulável, focalize com calma e não deixe de colocá-la de volta na abertura correspondente ao obturador, quando se tratar de filmadores com torre. Examine o visor e si não for o correspondente à lente em uso, proceda a correção. Escolhido o ângulo, complete a tomada.

FUSÕES NOS FILMADORES DE MAGAZINE — Geralmente as fusões bem feitas exigem 48 quadros. Si estiver filmando a 16 quadros por segundo, deverá deixar correr o filme durante três segundos. Estime a primeira parte da fusão em três segundos. Abra o filmador, inverta o magazine, feche o filmador, cubra a lente, deixe correr o filme por três segundos, abra o fil-

mador e recolque o magazine na posição verdadeira. Nessa ocasião o filme estará pronto para a metade inicial da fusão a ser filmada. Esse processo é muito interessante para os filmadores de 8mm de dupla largura.

LIMPESA DOS FILMES — Uma solução muito boa para a limpeza e conservação dos filmes é a seguinte: cera de carnauba dissolvida a 3% em tetracolorido de carbono. Ao enrolar o filme faça-o passar vagarosamente entre algodão molhado nessa solução. Como o preparado químico é muito venenoso, essa limpeza deve ser realizada em ambiente muito ventilado, afim de assegurar a evaporação do tetracolorido de carbono. Para os filmes coloridos o amador deve ter o cuidado de adquirir o tetracolorido de carbono da melhor qualidade afim de não prejudicar as tonalidades de cores dos filmes.

CONSERVAÇÃO DOS FILMES — Não há, propriamente, um prazo limite para a duração de um filme. Contudo, algumas práticas se recomendam para aumentar o tempo de utilização de cada rolo e elas se resumem nas seguintes: limpe cuidadosamente a trilha do seu projetor e outras partes que conduzem o filme; deixe sempre uma ponta bem comprida no princípio e no fim de cada rolo; não sobrecarregue o carretel; não force o filme após o seu enrolamento; desfaça-se de carretéis que estejam tortos ou danificados; guarde os filmes em lugares onde a temperatura seja adequada e com relativa humidade; limpe e lubrifique os filmes novos (veja a indicação acima); ao rebobinar tenha o maior cuidado; examine e conserte regularmente os seus filmes.

TELAS FEITAS EM CASA — Um bom recurso para o amador que não deseja adquirir uma tela muito cara é o de utilizar uma lona leve para a

confeção desse importante acessório em seus momentos de folga. Estenda a loña muito bem estirada sobre a armação da tela. Depois, para evitar o risco de qualquer incêndio, pinte o pano com uma solução de fosfato de amônia (uma libra para cada galão de água). Depois de secar aplique uma camada de cola, dissolvida em água (uma libra e meia para cada balde). Deixe secar e depois cubra a superfície com uma tinta branca.

LENTE AUXILIARES PARA FILMAGEM DE TÍTULOS — Quando o amador não possui lentes que permitam a realização de títulos em determinados tamanhos, ele pôde recorrer às lentes auxiliares, facilmente encontradas em qualquer casa de ótica. Assim, si necessitar de uma lente para filmagens até uma distância de 40", essa lente será conhecida como a de dioptria n.º 1; para a de dioptria n.º 2, a distância focal será de 20" e assim sucessivamente.

CONSERVAÇÃO DAS LÂMPADAS — Uma boa maneira de manter suas lâmpadas em atividade por mais tempo é a de conservar o motor funcionando por alguns segundos após a projeção. Essa prática, assegura o resfriamento gradativo da lâmpada e aumentará, sensivelmente, o tempo de sua duração.

II Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores

Como estão informados os nossos amadores, o Foto-cine Clube Bandeirante está patrocinando o II Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores, ao qual poderão concorrer todos os interessados, desde que observadas as condições regulamentares.

Serão aceitos quaisquer filmes em 16 ou 8 mm., podendo os mesmos serem classificados em quatro categorias gerais a saber: documentário, de enredo, experimental e científico.

O julgamento será realizado de conformidade com as normas da Motion Picture Division da Photographic Society of America e entregue a pessoas de reconhecida capacidade técnica indicadas pela Diretoria do F. C. B.. Além dos prêmios oficiais a serem conferidos, também serão atribuídas as seguintes taças: Taça "A Gazeta" para o melhor filme do concurso; Taça "A Gazeta Esportiva" para o melhor filme sobre esportes e Taça "Bandeirante" para o melhor filme colorido.

O regulamento e o boletim de inscrições podem ser solicitados da Secretaria do F. C. B. e também encontrados nas casas especializadas da Capital.

Lembramos aos amadores interessados que o prazo de inscrições será encerrado no dia 30 de novembro p. futuro, iniciando-se imediatamente os trabalhos de seleção.

KOSMOS FOTO
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL. 2-5882
SÃO PAULO

“FLASH... ADAS”

Sempre que se oferecer a ocasião, e numa daquelas reuniões que se tornaram famosas pelo espírito de camaradagem e confraternização que as caracterizam, os “novos”, após um período de “iniciação”, são definitivamente integrados na grande “família bandeirante”.

Frederico Soares de Camargo, uma das revelações do último Salão, não é propriamente um novo, mas ainda não havia participado de uma dessas reuniões e, presente ao jantar com que os bandeirantes comemoraram a inauguração do IX Salão, não escapou, é claro, á cerimonia consagrada.

José Oiticica Filho, um dos mais notáveis valores da arte fotográfica brasileira foi o “oficiante”, acolitado pelo infatigável Palmerio, e sob as vistas atentas de Ciro Cardoso, C. Pugliesi e F. Albuquerque.

Não resta a menor dúvida que, com as qualidades que possui e com tal “padrinho”, Camargo será daqui por diante um dos mais perigosos concorrentes de nossos concursos e salões...



O Brasil na “UNICA” através do F. C. Bandeirante

Mais um galardão de glória vem de ser conferido ao F. C. Bandeirante.

Com efeito, o Sr. Jean Borel, secretário da “Union Internationale de Cine-Amateur”, acaba de comunicar ao F. C. B. que, por proposta sua, unânimemente aprovada pelo Congresso Internacional de Clubes de Cinema recentemente realizado em Mondorf-les-Bains, Luxemburgo, foi o FOTOCINE CLUBE BANDEIRANTE indicado para representar o Brasil naquele importante organismo internacional que congrega os mais prestigiosos cineclubes e federações de cinema amador existentes no mundo.

Dentre as múltiplas atividades exercidas pela Union Internationale de Cine-Amateur (UNICA), destacam-se o importante certame anual de cinema amador, destinado a premiar os melhores trabalhos produzidos pelos aficionados de todo o mundo, bem como

relevante congresso onde, reunidas todas as entidades que a compõem, são examinadas todas as questões ligadas ao cine-amadorismo e ao seu intercâmbio mundial.

...É de se notar que de conformidade com os estatutos da famosa entidade, cada país só poderá ser representado por uma única agremiação, de destaque e importância comprovadas, o que vem sobremodo honrar o F. C. Bandeirante, a distinção que lhe foi agora conferida.

Estamos, pois, de parabens por mais essa vitória do F. C. B. que veio colocar o Brasil entre as demais nações onde se cultiva o cinema amador, e estamos certos de que muito irão lucrar os nossos aficionados com o intercâmbio maior que doravante iremos manter com a UNICA e os demais órgãos que a compõem.

Atividades Fotográficas no País

1.º SALÃO SERGIPANO DE ARTE FOTOGRÁFICA — Das novas entidades que vêm se dedicando á difusão da Arte Fotográfica em nosso país, a Sociedade Sergipana ocupa, sem favor algum, lugar de destaque, impondo-se á nossa admiração pelo afinho e persistência com que tem se dedicado ao mistér. Acompanhando suas atividades, por assim dizer, desde o nascedouro, é com verdadeiro embevecimento que noticiamos a próxima realização do seu Primeiro Salão, cuja inauguração está programada para Dezembro vindouro. Eis uma iniciativa digna de todo o apoio e prestígio. O F. C. Bandeirante enviará, por certo, uma coleção constituída por vários dos melhores trabalhos de seus associados e concitamos, com empenho, os demais clubes e associações fotográficas a imitarem o exemplo.

—x—

FOTO CLUBE DO PARANÁ — (Do nosso correspondente em Curitiba) - A 26 de setembro findo, realizou o Foto Clube do Paraná o seu primeiro concurso interno de transparências fotográficas coloridas (slides), concurso este com que a nova Diretoria do F. C. P. inicia suas atividades. Concorreram ao certame 42 trabalhos, tendo a Diretoria do F.C.P. instituído três prêmios para os melhores classificados. O primeiro prêmio foi ofertado pelo Presidente da entidade, Dr. Ely de Azambuja Germano, prêmio ao qual a Diretoria denominou "Copa Presidente Ely Germano". O segundo prêmio foi ofertado pelo Sr. Eduardo Mueller Junior, proprietário da Casa Leblon e o terceiro pela própria entidade promotora do concurso. Constituíram a Comissão Julgadora os srs.: Armins Henkel, Eduardo Mueller Jr. e Dr. Afonso Wischral, tendo sido o seguinte o resultado do julgamento: 1.º

Prêmio - Dr. Ney Itiberê Piá de Andrade;
2.º Prêmio, Dr. Ely de Azambuja Germano;
3.º Prêmio, Sr. Pedro Lafite Stier.

—x—

FOTO-CINE CLUBE DE CAMPINAS — Com um pouco mais de um ano de existência, o F.C.C. vem denotando uma vitalidade invulgar e invejável. Inda agora instituiu e levou a efeito originalíssimo concurso entre seus associados, subordinado ao tema - "Escada da Séde". Reafirmando o elevado espírito de cooperação e intercâmbio, os seus dirigentes confiaram ao F.C. Bandeirante o julgamento dos trabalhos inscritos a esse concurso. Integraram a comissão julgadora designada pela Diretoria do F. C. B., os colegas Julio Agostinelli, Mario Fiori e Fernando Palmerio, tendo sido premiados os Srs. Gilberto de Biasi (1.º e 2.º lugares) e Antonio Fernandes (3.º lugar).

—x—

FOTO-CINE CLUBE MACKENZIE — Positivamente a Arte Fotográfica vem empolgando os diferentes setores intelectuais. Agora são os mackenzistas que resolveram aderir a esse magnífico movimento, fundando o seu foto-clube.

Um clube de estudantes constitui o elo de ligação entre duas gerações. Garante a continuidade de um movimento. A esses moços que souberam escolher uma tarefa dignificante e que constituem a primeira Diretoria do Foto-Cine Clube Mackenzie, almejamos o mais absoluto êxito no empreendimento. São eles: Presidente, Prof. Odilon G. Amado; Vice-Presidente, Michel Haber; Secretário, Constantino Mazanoff; Tesoureiro, Enio de Oliveira Aleixo; Diretor de Fotografia, Hercules A. Perna; Diretor de Cinema, Fernando Gasparian; Diretor Social, Mauris Warchavchic; Vogal, Jerachmiel Frajzinger.



Aspecto da visita do nosso consócio Carlos Comelli (ao centro) a Sergipe, quando participava de uma das ótimas excursões que lhe foram proporcionadas pelos nossos companheiros da Sociedade Sergipana de Fotografia.



O "Bandeirante" no Exterior

NOVO ÊXITO EM BARCELONA

Em carta aérea que teve a gentileza de nos enviar, o Sr. Enrique Aznar, diligente Diretor da AGRUPACION FOTOGRAFICA DE CATALUÑA, antecipa-nos mais um destacado êxito dos bandeirantes no **IX Salão Internacional de Barcelona**, realizado por aquela prestigiosa entidade, e no qual foram admitidos 38 trabalhos constantes da representação do F.C.B.. A excelente impressão causada pela representação brasileira, traduz-se no seguinte parágrafo da sua carta que, com a devida venia, transcrevemos:

"En paquete aparte les mando tambien unos recortes de la revista "Destino" con una reseña de nuestro Salón así como unas fotografías que se tomaron durante la exhibición del mismo e debo notificarles que el éxito de nuestro Salón lo ha constituido la aportación brasilena, la qual se ha destacado de una manera rotunda sobre las demás Naciones. Reciba mis más sinceras felicitaciones por el éxito obtenido".

Aguardamos o catálogo e o material prometido pelo Sr. Aznar, para no próximo Boletim dar maiores detalhes sobre mais esta vitória da fotografia artística brasileira no estrangeiro.

— x —

17.º Salão de Antuérpia, Bélgica

Carta de L. Verbeke, o dinamico Secretário da "Fotografische Kring **IRIS**" traz-nos a relação dos trabalhos constantes da representação do F. C. B., admitidos ao importante salão anual promovido por essa entidade da Bélgica, no qual o Brasil figura como um dos países melhor colocados. São os seguintes os consocios que integram a representação bandeirante:

Julio Agostinelli, com "Vítimas da guerra"; Francisco Albuquerque, com "Ondas"; Geraldo de Barros com "Velhinho trabalhando"; Abilio M. Castro com "Notívago"; Thomas J. Farkas com "Grupo de pescadores"; Gaspar Gasparian com "Margaridas"; Carlos F. Latorre, com "Dia de folga"; German Lorca com "Casa de pescadores"; Manoel Morales Fº., com "Meditação"; Fernando Palmério, com "Boiada na vila"; Jacob Polacow, com "Estudo de janela"; Eduardo Salvatore, com "Sêde"; Aldo de Souza Lima, com "Portrait"; Sergio Trevelin, com "Préce".

11.º Salão de Vancouver, Canadá

Encerrado a 4 de setembro último e expondo 196 trabalhos dentre os 600 inscritos, são os dos bandeirantes os únicos exemplares da fotografia artística sul-americana que figuram nesse Salão, mostrando aos aficionados daquele importante país do norte o elevado grão de adiantamento a que atingimos. Figuram nessa mostra os consócios:

Oswaldo Alderighi, com "Entrada da gruta"; G. Calliera, com "Bailarinas em descanso"; Thomas J. Farkas, com "Grupo de pescadores"; Guilherme Malfatti, com "Lavadeiras"; Carlos F. Latorre, com "Zilda"; German Lorca, com "Cenas quotidianas"; Masatoki Otsuka, com "Telhas" e "Curiosidade infantil" e Roberto Yoshida, com "Ovos".

— x —

5.º Salão de Edmonton, Canadá

Assim também no salão marginado, no qual o Brasil figura com grande destaque graças á representação bandeirante, da qual constam 29 trabalhos a saber:

"Força centrífuga" de Julio Agostinelli; "Praia de Pirambu" e "Alegria" de F. Albuquerque; "Carregadores do porto" de G. Calliera; "Painel decorativo", "Estudo" e "Grandeur" de José Oiticica Fº; "Velhos Sinos" de Manoel Morales Fº.; "Férias" de Francisco B. M. Ferreira; "Pax" de Carlos F. Latorre; "Perto do céu", "Flor de maracujá" e "Três Gaiatos" de Plínio S. Mendes; "Pintor Místico", "Goat Island" e "Sorriso" de Guilherme Malfatti; "Dominador do espaço" de Ludovico E. Munglioli; "A despedida" de Angelo F. Nuti; "Verdureiro" de Masatoki Otsuka; "Madrugadores" de Jacob Polacow; "Don Garcia" de Fernando Palmério; "Idílio Noturno" e "Concerto familiar" de Eduardo Salvatore; "As sete colunas" e "Paz" de Sergio Trevelin; "Trabalho difícil" de Alfio Trovato; "Dirce", "Stella Maria" e "Irmãs", de Luis Vaccari.

Figura ainda na representação do Brasil, o conhecido amador José F. Trocado, do Rio de Janeiro, com "Moldura" e "Lendo histórias".

Liberdade de Critica...

(Conclusão)

Deveria, em novo comentário, fazer brilhar com as letras da inverdade, qualidades inexistentes numa obra de cinema, cuja origem um tanto "escandalosa", demandava o mais retumbante sucesso de bilheteria...

Evidentemente, uma só poderia ser a atitude de Benedicto J. Duarte: negar-se a tão mesquinho papel.

No entanto, por se manterem irreduzíveis as condições do exibidor, ameaçando não dar mais publicidade, demitiu-se o nosso Companheiro, num gesto altamente significativo e confirmando mais uma vez o já conhecido conceito: "A ARTE VERDADEIRA SE SOBREPÕE A QUAISQUER INTERESSES FINANCEIROS".

Ao registrarmos esse acontecimento, que consideramos excepcional numa Capital como a nossa, onde se sucedem tantas manifestações de Arte, desejamos externar o nosso aplauso e o nosso irrestrito apoio e solidariedade a Benedicto J. Duarte, prestando-lhe, como é de justiça, esta modesta homenagem.

Novos Socios

O crescente número de aficionados que se incorporam à família "bandeirante", reflete o êxito da campanha pró aumento do quadro social e a concretização do grande objetivo, ou seja, da perfeita divulgação e o aprimoramento da arte fotográfica e cinematográfica nacional. Aos novos "bandeirantes", cuja relação segue abaixo, damos as nossas boas vindas:

Inscrições ns. 790, Hóffes Maffús; 791, Vladimir Orloff; 792, Jamil Gasi; 793, José Fonseca de Aguiar, de Recife; 794, Thomaz de Moraes Salles; 795, Aldo Pace; 796, Vicente Frabasile; 797, Armando de Moraes Barros; 798, Da. Eloisa Pimentel de Moraes Barros; 799, Ary Albuquerque; 800, Alfredo Costa Lima Valente; 801, José Próspero Dantas e 802, Moacyr Tavares de Paiva.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1950

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1951, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consocios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do salão	Denominação - Local - País	Circuito	Data de entrega no clube.
14.º	Portugal (Lisboa e Porto)	_____	31 de outubro (1950)
14.º	"South African" - Johannesburg-Africa	Cape Town - - Durban	5 de novembro de 1950
9.º	"Albert 1.º - Charleroi - Bélgica	Cont	30 de novembro de 1950
20.º	Boston - EE.UU.	_____	10 de dezembro de 1950
5.º	Mendoza - Argentina	_____	30 de dezembro de 1950
10.º	Barcelona - Espanha	Panticoza - - Madrid	10 de janeiro de 1951
3.º	Washington - EE.UU.	_____	15 de janeiro de 1951
10.º	Montreal - Canadá	Victoria - Ed- monton - Port Galborne, etc.	30 de janeiro
9.º	C. S. - Inglaterra	Lincoln, etc.	10 de fevereiro
9.º	"Bienal" - Turim, Itália	Adelaide, etc.	15 de fevereiro
2.º	"Victorian" - Sydney, Australia	_____	20 de fevereiro
2.º	"Exposição Mundial" - Niterói, Brasil	_____	28 de fevereiro
4.º	San Sebastian - Espanha	Zaragoza	1 de março
4.º	"Mysore Society" - Bangalore, India	circuito indú	15 de março

OPORTUNIDADES

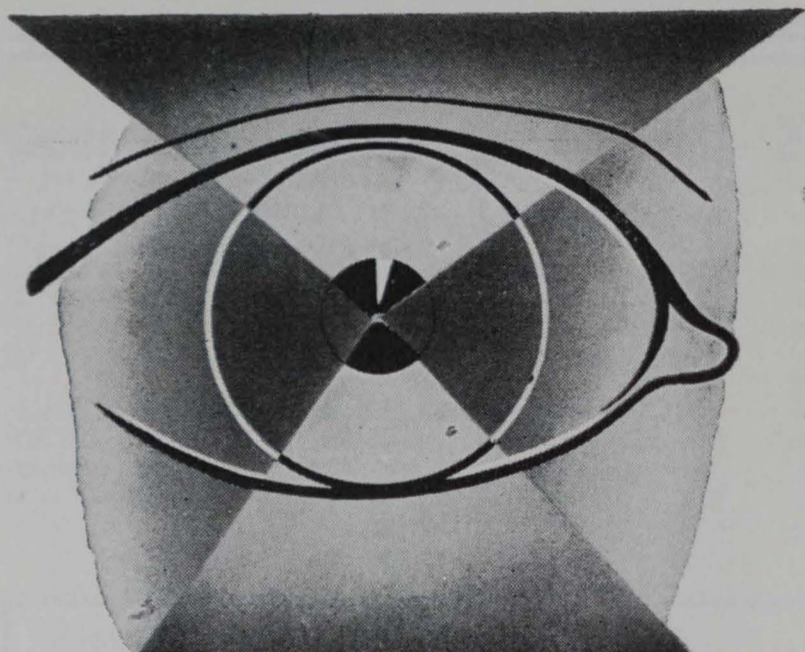
Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados à razão de Cr.\$50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube, a inserção de um pequeno anuncio mensal será gratuita.

VENDE-SE uma KODAK DUO (fabricação alemã) com objet. Xenar 1:3,5; tamanho 4x6,5 cm., telêmetro e obturador de 1 a 500. Tratar com Nelson pelo fone: 9-5352 entre 19 e 22 horas.

VENDE-SE uma bolsa de couro do tamanho de 30x25 cms., de fabricação nacional, própria para transportar máquina fotográfica e acessórios. Preço: 300,00. Tratar com Nelson, na Secretaria do Clube.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc., Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 — Fone: 3-5628.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estóque. Visitemos, sem compromisso. SIMON KESSEL, Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º and. - s/211.



MILHARES DE OLHOS

VÊM E JULGAM OS SEUS ANUNCIOS

Da sua apresentação depende a sua eficiência.

Portanto, em seus impressos use sempre

Clichés

FORTUNA

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 2-3492

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

Atelier e câmara escura para aprendizagem e aperfeiçoamento. - Sala de leitura e biblioteca especializada - Conferências, debates e demonstrações sobre fotografia e cinema - Sessões cinematográficas - Excursões e concursos mensais entre os sócios - Participações nos salões e concursos nacionais e estrangeiros - Intercâmbio constante com as sociedades congêneres do País e do Exterior.

BOLETIM INFORMATIVO MENSAL

DEPARTAMENTOS :

FOTOGRAFICO

CINEMATOGRAFICO

SECÇÃO FEMININA

Joia de admissão	Cr\$ 50,00
Mensalidade (inclusive Taxa Extra pró sé- de própria)	" 30,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro e março de cada ano)	" 200,00

Os sócios do interior e outros Estados e da secção Feminina gosam do desconto de 50%.

Séde Social (Edifício Próprio)

Rua Avanhandava, 316 —:— Fone: 2-0937

S. PAULO — BRASIL

Saiba escolher
o seu filme



para melhores fotografias



SUPERCHROM
30°



O filme preferido para fotos de exteriores. De rapidez muito elevada, assegura boas fotos até com pouca luz.



PANCHROMOSA
32°



O filme ultra-rápido para instantâneos à noite ou à luz artificial. É o filme para amadores adiantados.



**MICROGRAN
PANCHRO 27°**



O filme de máxima fidelidade para instantâneos e ampliações perfeitas. Não apresenta granulação mesmo em grandes ampliações.

À venda nas melhores casas do ramo.

Record 1007